

DA FAMÍLIA JANSENISTA

MICHEL LAHUD
IFCH/UNICAMP

Existiria na verdade algo como um pensamento jansenista? Ou seria o jansenismo antes um "fantasma", como pretende A. Gazier, um verdadeiro "monstro comparável aos hipogrifos e aos licornos"¹?

É certo que toda tentativa de se definir o jansenismo como um sistema fechado de idéias, de se delimitar claramente um conteúdo doutrinal que lhe seja próprio, resulta em inevitável fracasso. E isto porque existem, de fato, tais diferenças entre, por exemplo, o agustinismo rígido e abstrato de um Jansenius, o espiritualismo prático e fortemente influenciado por Bérulle de um Saint-Cyran, o militatismo realista de um Arnauld e de um Nicole e a inclinação tomista, impregnada de galicanismo, de um Quesnel, que "não há, por assim dizer, uma só tese sustentada por um jansenista à qual não se possa opor uma tese contrária sustentada por outro jansenista"². Na verdade, eles só concordavam plenamente em idéias que eram também aceitas por outros que não eles. De modo que parece realmente ser uma pura "ilusão criada pela linguagem" que leva a supor, sob o rótulo de "jansenismo", uma espécie de essência cujos diferentes aspectos tivessem se manifestado através do tempo, ou seja, uma unidade substancial qualquer³.

Seria, então, a falta de uma tal unidade na noção de jansenismo a prova cabal de sua monstruosidade? Não restaria senão a hipótese do "fantasma" à qual já Leibniz induzia, dizendo que foram os jesuitas que "criaram a seita jansenista"⁴? Note-se que, numa tal perspectiva, basta inverter os termos da fórmula para que um jansenista apareça, exatamente como para o cardeal Bona, como simplesmente "um católico que não gosta dos jesuitas"⁵. Gazier, que endossa semelhante caracterização, propõe, na mesma linha, uma definição do jansenismo

¹ A. Gazier, Histoire générale du mouvement janséniste depuis ses origines jusqu'à nos jours, t. I. Paris, Librairie Ancienne Honoré Champion, 1922, p.V.

² Cf. L. Cognet, Le Jansénisme, Paris, P.U.F., 1961, p.123.

³ Cf. J. Orcibal, "Qu'est-ce que le jansénisme?", in: Cahiers de l'Association Internationale des Etudes Françaises, julho de 1953, p.52.

⁴ Citado por Orcibal, art.cit., p.51.

⁵ Citado, com pequenas variantes, por Gazier, op. cit., p. VII, por Orcibal, art. cit., p.51 e por Cognet, op. cit., p.124.

como "um catolicismo desembaraçado da influência deletéria do jesuitismo" ou "a forma francesa da oposição dos católicos aos jesuitas"⁶. Mas, assim procedendo, não acaba ele próprio vítima do fantasma que pretendia, ao contrário, exorcizar? Pois é claro que reduzir o jansenismo a uma luta contra os jesuitas implica, necessariamente, em atribuir-lhe uma vocação partidária, isto é, exatamente aquilo que seus mais notórios adeptos sempre recusaram com veemência e justa indignação. "Não formamos um partido - escrevia Arnauld -, pela graça de Deus: só a caridade é que nos une e que não tira de cada um de nós a liberdade de seguir sua própria luz e os movimentos de sua consciência"⁷. E Quesnel, igualmente, em resposta a Fénelon, declarava: "Tenho horror de todo partido, seja no Estado ou na Igreja. Meu nome é Cristão; meu sobrenome é Católico; meu partido é a Igreja; meu chefe é Jesus Cristo; minha lei é o Evangelho; os bispos são meus pais e o Sumo Pontífice o primeiro de todos."⁸ Se levarmos ainda em conta as profundas divisões internas da Companhia de Jesus, sua evolução permanente e, sobretudo, o fato de que as oposições que ela sofreu foram provocadas pelos motivos mais diversos⁹, percebemos claramente que uma caracterização do jansenismo restrita ao seu anti-jesuitismo comete uma insensatez ainda maior que a mera presunção de um partido-fantasma: a de conferir a esse partido uma causa à qual não se pode, na realidade, associar nenhum verdadeiro programa.

De qualquer modo, toda redução do movimento jansenista a uma mesquinha luta política contra os jesuitas não consegue dar conta do sentimento de efetiva unidade que, malgrado divergências ideológicas evidentes e as rivalidades pessoais, reúne seus membros. O problema consiste, então, em se determinar o verdadeiro suporte desse sentimento, uma vez descartadas tanto a ilusão de uma rigorosa unidade doutrinária quanto a hipótese de conspiração partidária.

Talvez uma solução para o problema pudesse ser fornecida pelo conceito de "visão trágica do mundo" a que recorre Goldmann no seu magistral estudo sobre Pascal e Racine¹⁰. O jansenismo, segundo Goldmann, seria uma das mais ricas expressões dessa visão de mundo na qual a idéia de um Deus oculto ocupa o lugar central e desempenha o papel determinante. Da tragédia humana, Deus é sempre e apenas espectador. Portanto, sempre (virtualmente) presente e, nessa medida, um Deus que exige do homem uma aspiração à totalidade e a aceitação exclusiva de valores absolutos, claros e unívocos; um Deus cujo olhar permanente

⁶ Gazier, op. cit., pp.VII e VIII.

⁷ Citado por J. Laporte, La Doctrine de Port-Royal: Introduction Générale, Paris, P.U.F., 1923, p.XXII.

⁸ Citado por Gazier, op. cit., p.V.

⁹ Cf. Orébal, art. cit., p.51.

¹⁰ L. Goldmann, Le Dieu caché. Etude sur la vision tragique dans les Pensées de Pascal et dans le théâtre de Racine, Paris, Gallimard, collectio Tel, 1976.

proíbe a menor concessão, o menor compromisso, e obriga a uma "recusa do mundo" cujo caráter limitado, provisório e ambíguo o torna incompatível com a exigência de realização de uma vida plena, autêntica, toda voltada para a essência. Mas a presença permanente de um Deus espectador significa, ao mesmo tempo, sua ausência permanente do palco da tragédia humana. Se um Deus oculto julga e obriga por um lado, ele nunca pode, por outro, fornecer ao homem um suporte exterior, uma garantia, um testemunho da validade de suas ações e do poder de suas próprias forças. Se sua presença desvaloriza o mundo e lhe retira toda realidade, sua ausência, ao mesmo tempo, faz do mundo a única realidade possível de ser humanamente vivida, o espaço, por assim dizer, obrigatório de sua própria recusa. É por isso que a consciência trágica radical "não acredita nem na possibilidade de transformar o mundo e de nele realizar valores autênticos, nem na possibilidade de fugir dele e de se refugiar na cidade de Deus"¹¹; e que a única forma de pensamento e de atitude coerente com ela é a do sim e não, isto é: o paradoxo.

Compreende-se então que, pensando o jansenismo como expressão social e ideologicamente determinada da visão de mundo acima esboçada, Goldmann reserve apenas ao Pascal das Pensées e ao autor de Phèdre o título de jansenistas conseqüentes. Pois, neste caso, uma obra jansenista perfeitamente coerente seria simplesmente aquela que, levando às últimas conseqüências o princípio de um Deus oculto, manifestasse nitidamente tanto a recusa de qualquer compromisso com o mundo quanto, como vimos, a de qualquer apoio exterior a ele. Ora, quem, no meio jansenista, teria fornecido a essa dupla recusa a expressão teórica mais radical senão Pascal, que, através do célebre argumento da "aposta" - segundo a interpretação de Goldmann¹² -, ao mesmo tempo que recusa absolutamente o mundo, estende a suspensão de toda certeza reconfortante à própria existência de Deus? É nesse sentido que Goldmann, citando Gerberon, se permite a afirmação de que Pascal, no final de sua vida, tinha se tornado "mais jansenista que os próprios jansenistas"¹³. De fato, os mais "radicais" dentre eles - e, aqui, a referência se aplica a Barcos, a Singlin e à madre Angélique, por exemplo -, ao invés de "faire profession des deux contraires" como manda Pascal (e o figurino trágico), se contentavam com uma recusa "unilateral" do mundo e concebiam essa ruptura como forma de submissão plena ao tribunal divino. Quer dizer que para eles a "existência do 'Deus espectador' constituía uma certeza, um ponto de apoio fixo e inabalável; o elemento de incerteza, de escolha e de 'aposta' só começava em seguida, quando se tratava de saber se Deus tinha conferido ao indivíduo a graça da perseverança, se este indivíduo era um justo simplesmente, ou 'um justo a quem faltou a graça', ou então um justo caído em desgraça e em estado de pecado mortal.

¹¹ Ibid., p.60.

¹² Cf. também L. Goldmann, "Le Pari est-il écrit 'pour le libertin'?", in Blaise Pascal, l'homme et l'oeuvre, Paris, Minuit, 1956.

¹³ Goldmann, op. cit., p.64.

Ora, Pascal tira as últimas conseqüências do pensamento jansenista, deslocando a incerteza e a 'aposta' da perseverança, da salvação individual, para a própria existência de Deus. Escolhendo deliberadamente a posição paradoxal do justo sem graça santificante, renunciando a se fazer de anjo para evitar de se tornar animal, Pascal, 'mais jansenista que os próprios jansenistas', se tornará o criador do pensamento dialético e o primeiro filósofo da tragédia¹⁴.

Deve-se observar, entretanto, que só é possível dizer que Pascal é "mais jansenista que os próprios jansenistas" quando se está operando com um conceito de jansenismo bem mais normativo do que propriamente descritivo; com um conceito, no caso, que aponta para um ideal de coerência ideológica previamente estabelecido, e não para um traço igualmente presente no pensamento de todos os diferentes personagens historicamente identificados ao movimento. Em outros termos, a assimilação do jansenismo ao pensamento trágico é um expediente operacional que permite julgar um certo número de obras a partir daquilo que elas, enquanto expressões ideológicas, deveriam ser, antes que uma maneira sintética de qualificá-las a partir daquilo que todas, real e identicamente, são. Goldmann não parece pretender o contrário, deixando claramente à mostra esse componente normativo de seu partido metodológico, como provam os próprios termos com que, de saída, afirma sua posição: "já foi muitas vezes levantada - diz ele - a questão de se saber em que medida Pascal era ou não era jansenista. Mas tanto aqueles que a afirmavam como os seus adversários concordavam quanto à maneira de se colocar a questão. Perguntar se Pascal era jansenista era, para uns como para os outros, perguntar em que medida seu pensamento se assemelhava ou era análogo ao de Arnauld, de Nicole e de outros jansenistas notórios. Parece-nos, ao contrário, que é preciso inverter o problema, estabelecendo primeiro o que é o jansenismo enquanto fenômeno social e ideológico, em seguida o que seria um jansenismo inteiramente conseqüente, para finalmente julgar em relação a esse jansenismo conceitual e esquemático os escritos de Nicole, de Arnauld e de Pascal. Eles serão assim bem melhor compreendidos em sua significação objetiva e também em suas limitações respectivas, e se perceberá que Pascal, Racine e, no limite, Barcos são, no plano ideológico e literário, os únicos jansenistas conseqüentes e que é em relação à obra deles que se deve medir o jansenismo de Arnauld e de Nicole."¹⁵ Medida que, rigorosamente aplicada, deveria acabar marcando estes "jansenistas notórios" com a insígnia do "falso jansenismo", se não os excluindo pura e simplesmente da escala acima proposta. Pois que termos comuns de comparação poderiam existir entre um intransigente adepto da Igreja militante como Arnauld - quer dizer, um condutor incansável de uma luta intra-mundana pelo bem e pela verdade que se afirmam na crença inquestionável no "Deus de Abraão, de Isaac, de Jacó" e no "Deus de Jesus

¹⁴ Ibid., id.

¹⁵ Ibid., pp.27-28.

Cristo" - e o personagem do "jansenista conseqüente" tal como o conceitualiza Goldmann? Este prefere, porém, considerar os "jansenistas notórios" mas, reconhecidamente, não-trágicos - tais como Arnauld, Nicole e, claro, o Pascal-autor-das-Provinciales - como representantes de uma "corrente centrista", na qual também estariam incluídos alguns "espiritualistas" como o abade de Saint-Cyran e a madre Adnès¹⁶. Quanto a Barcos - sobrinho de Saint-Cyran -, Singlin, Pavillon, Gerberon e a madre Angélique, eles aparecem, nessa escala, como mais "radicais" do que os "centristas", pela sua absoluta recusa de qualquer compromisso e combate mundanos; mas o apelo a Deus, que acompanha essa recusa e que a torna, conforme já vimos, "unilateral", ainda distancia essa "corrente extremista", como a designa Goldmann, da "coerência extrema"¹⁷ apenas alcançada por Phèdre e pelas Pensées - e, conseqüentemente, do marco ideal a partir do qual se deve, na perspectiva de Goldmann, dosar o teor de "jansenismo" contido no pensamento (e em cada uma das obras) de cada "jansenista".

Fica, portanto, claro por que a assimilação do jansenismo à visão trágica do mundo, perfeitamente legítima e pertinente no quadro de uma análise ideológica das Pensées e das tragédias racinianas, não pode ser simplesmente transposta para um contexto em que, partindo-se do uso corrente do termo "jansenismo", apenas se pretende, por assim dizer, determinar a razão desse uso. Fazer do trágico tal como o concebe Goldmann a matriz semântica do "jansenismo" seria desconsiderar esse uso e propor uma caracterização do conceito que não dá conta de sua efetiva aplicação indiferenciada a tantos personagens diversos - e que, na sua grande maioria, de rigorosamente "trágico" pouco ou nada têm; seria pecar por dogmatismo e, necessariamente, acabar julgando, hierarquizando, excluindo, ali onde, ao contrário, se deve, por princípio, admitir e acolher todas as diferenças, para, em seguida, reconhecer o registro exato em que, para além das dissonâncias ideológicas, todas as vozes jansenistas se afinam num mesmo tom.

Mas se consideramos, aqui, com tanto interesse uma concepção cujo caráter demasiadamente restritivo nos impede de adotá-la em nossa busca de uma marca particular e comum a todo o pensamento jansenista, é porque a própria natureza dessa concepção aponta com clareza para a única direção em que, a nosso ver, essa busca poderia vir a ser recompensada. Com efeito, o "trágico" designa uma certa visão de mundo, quer dizer, apenas um determinado conjunto de aspirações, de sentimentos e de idéias que reúne os membros de um grupo e os opõe a todos os demais. Ora, tal conjunto não delimita propriamente um verdadeiro sistema doutrinário, nem tampouco define algum programa partidário. Ele remete, na verdade, a uma ordem de realidade equivalente àquela que toda tentativa de definição conseqüente do jansenismo acaba postulando como único suporte efetivo

¹⁶ Cf. Ibid., p.65, nota 1.

¹⁷ Ibid., id..

da relativa unidade do movimento: "um estado de alma", "un tour d'esprit" particular, diz Gazier¹⁸; um conjunto de "tendências" ou de "orientações psicológicas" comuns, dizem Orcibal¹⁹ e Cognet²⁰.

Duas dessas orientações, destacadas por Cognet²¹, são particularmente evidentes. Um certo anti-humanismo, em primeiro lugar, expresso na forma de uma adesão estrita ao teocentrismo augustiniano e de uma vivência profundamente rigorista do cristianismo, sem concessão nem compromissos possíveis. Contra a corrente fortemente impulsionada a partir do Renascimento, contra, em particular, a emergência de um cristianismo humanizado, temperado e que procurava atenuar a severidade dos preceitos evangélicos para melhor se acomodar à sensibilidade e à razão do honnête homme, o movimento jansenista preconizava o rígido retorno às origens e à Tradição católica, ao puro e autêntico cristianismo dos primeiros séculos da Igreja, a seu ascetismo implacável e à severa disciplina de seus cânones. Nesse sentido, cabe considerar o jansenismo como um movimento de reação ao "período amoral e areligioso do empirismo e do racionalismo", como uma "volta à moral e à religião"²². Trata-se, como bem formulou Gazier, de uma verdadeira "proclamação dos direitos de Deus oposta a uma audaciosa declaração dos direitos humanos"²³.

Essa repulsa à modernidade e a qualquer signo de inovação em matéria religiosa vinha, porém, acompanhada de uma profunda compreensão do "novo mundo" e do justo reconhecimento de "tudo o que ele continha de positivo, de precioso e, sobretudo, de definitivamente adquirido para o pensamento e a consciência humanas"²⁴. De fato, o jansenismo não reconhecia a autoridade alguma o direito de se interpor entre a autoridade divina e a razão humana e de se substituir esta quando a primeira se calasse. É bem verdade que, sem o amparo da fé, a racionalidade e o livre-pensamento não eram, para qualquer jansenista, de nenhuma valia; mas para todos eles não havia nada que pudesse legitimamente deter seu exercício, desde que o amor do Absoluto fosse sua fonte integral e exclusiva de inspiração. É isso que permite explicar, por exemplo, a oposição de Saint-Cyran à política religiosa (ou à religião política) de Richelieu, a posição reticente de Arnauld em relação ao célebre episódio da assinatura do "Formulário", a revolta dos

¹⁸ Op. cit., p.VI.

¹⁹ Art. cit., p.52.

²⁰ Op. cit., p.124.

²¹ Cf. ibid., p.124 e segs..

²² Cf. Goldmann, op. cit., p.43.

²³ Gazier, op. cit., p.17.

²⁴ Goldmann, op. cit., p.43.

"apelantes" contra a bula Unigenitus de Clemente XI²⁶. Nesse sentido, então, o jansenismo não mais consiste apenas numa clamorosa declaração dos direitos divinos, acima e em detrimento dos direitos humanos: ele representa, igualmente, "uma consciência intensa dos direitos da pessoa, e sobretudo do pensamento pessoal, perante os absolutismos da autoridade"²⁶.

Dá a dificuldade que o movimento jansenista opõe a toda tentativa de qualificação simplista de seu significado ideológico no quadro intelectual do século XVIII. Desconsiderando de maneira intransigente as condições sociais e econômicas do seu tempo, prendendo-se obstinadamente a um passado do qual até o pensamento oficial da Igreja já tinha se afastado e servindo, assim, - conforme pretende Goldmann - de expressão a um grupo social (à nobreza togada, fundamentalmente) desprovido de qualquer perspectiva histórica concebível, o jansenismo fazia-se, efetivamente, "o campeão de uma causa já perdida, porque inatual"²⁷. Mas pela sua firme recusa da razão de Estado e do argumento de autoridade, o jansenismo se constituía, ao mesmo tempo, numa das primeiras correntes de séria oposição à monarquia absoluta, contribuindo assim, sob a forma de religião do rigor e do absoluto, a "preparar as vias para a consciência moderna"²⁸. Contribuição tão certa quanto indesejada pelos próprios jansenistas, os quais, em meados do século XVIII, viriam marcar com veemência sua indignação contra a propagação, até na mais que tradicional Sorbonne, do deísmo filosófico, "sem compreender que eles tinham, apesar de tudo, uma certa responsabilidade nesta difusão do racionalismo no século das luzes"²⁹.

De qualquer modo, o certo é que a essa crença simultânea no caráter absoluto do poder divino e nos direitos da pessoa humana, a essa tensão dilacerante entre uma sensibilidade historicamente anacrônica e uma consciência aguda da modernidade e do mundo futuro, todos os diversos personagens do grupo jansenista forneceram alguma forma de expressão, quer num nível teórico quer no nível propriamente existencial³⁰. Assim, seja sustentando, por exemplo, no âmbito da direção de consciências, a insuficiência do atricionismo na penitência, e sofrendo com radical inflexibilidade as incessantes pressões de Richelieu e cinco extenuantes anos de prisão (Saint-Cyran); seja defendendo, sobretudo contra os jesuítas e na

²⁶ A propósito desses episódios, cf. R. Tavenaux, Jansénisme et politique, Paris, Armand Colin, 1965, A. Adam, Du Mysticisme à la révolte, Paris, Fayard, 1968, além do livro de Cognet citado.

²⁶ Cognet, op. cit., p.124.

²⁷ Ibid., p.126.

²⁸ Ibid., p.125.

²⁹ Ibid., id.

³⁰ Fazemos essa distinção embora ela seja, aqui, especialmente artificial, posto que, como bem salientou Laporte, "as pessoas de Port-Royal sempre pretenderam não fazer outra coisa em sua vida pública ou privada senão traduzir sua doutrina em ato" (cf. Laporte, op. cit., p.XVI).

qualidade de membros militantes da Igreja, a autoridade de Santo Agostinho em matéria de doutrina da graça (Arnauld e seus colaboradores); seja retirando-se completamente do mundo e preferindo, sempre, nele calar-se para "melhor falar com Deus" (Barcos, Singlin, a madre Angélique, etc.); ou seja afrontando, de maneira mais claramente política e com bases num instrumental tomista e no galicanismo parlamentar, a autoridade pontifical e os regimes de Luis XIV e de Phillipe d'Orléans (Quesnel e os partidários do grupo dos "apelantes"): os jansenistas, se verdadeiramente não manifestavam nem um sistema delimitado de teses nem um conjunto coerente de atitudes comuns, revelavam, todos, um mesmo "tour d'esprit", uma mesma tensão dramática entre certas "tendências psicológicas"³¹ contrárias e particulares. Tem-se, portanto, por um lado, a necessidade imperiosa de, sempre que possível, se distinguir (sobretudo cronologicamente) múltiplas formas de "jansenismo" e de se ater à recomendação de Orcibal³² de só utilizar o termo no singular quando não existir outro mais cômodo e preciso; mas, por outro lado, também a legítima possibilidade de se dizer que esses múltiplos jansenismos, para além de suas expressivas diferenças, conservam "uma unidade profunda que é feita do seu drama"³³.

Percebe-se, então, que estamos simplesmente propondo, como forma mais ajustada de se caracterizar o jansenismo, uma espécie de distensão da idéia de visão trágica do mundo. Pois basta considerar não propriamente o trágico, mas, por assim dizer, mais amplamente o dramático como suporte do sentimento de unidade do movimento, para que se reconheça como igualmente "jansenistas" todos aqueles a quem ordinariamente este rótulo se aplica. O acesso à ordem dos "jansenistas autênticos" fica assim aberto a todos os "jansenistas notórios". A Arnauld e Nicole, por exemplo, a quem, na perspectiva goldmanneana, esse acesso era barrado por incompatibilidade de uma visão trágica do mundo com vocações militantes. Ora, se por um lado é bem verdade que a tragédia não comporta tais personagens, o que, por outro lado, exibir de mais dramático do que esse cristianismo arnauldiano que obriga a uma participação sem tréguas na luta mundana em favor da verdade e da justiça, sem, no entanto, alentar a menor esperança de que essa luta possa por si mesma transformar um mundo onde dominam a corrupção e o pecado? Algo, portanto, como uma "visão dramática do mundo" - especificada em termos de conjunção de uma tensão permanente entre o divino e o humano com um duplo movimento de volta ao passado e de projeção ao futuro - : eis, a nosso ver, a única característica atribuível ao conjunto jansenista que, sem nele proceder a exclusões

³¹ Empregamos a expressão no mesmo sentido adotado por Orcibal e que lhe permite, por exemplo, explicar os inúmeros "processos de tendências" de que os jansenistas foram alvo: a saber, processos nos quais eram julgados por certas proposições, embora eles próprios tivessem explicitamente sustentado proposições contrárias (cf. Orcibal, art. cit., p.52, nota 2).

³² Ibid., pp.52-53.

³³ Cognet, op. cit., p.126.

significativas nem introduzir qualquer tipo de hierarquia, o distingue pertinentemente dos demais grupos no interior do catolicismo.

Assim sendo, que melhor metáfora, então, do que precisamente a de família se prestaria a figurar esse grupo apenas reunido por uma mesma postura dramática face ao mundo e por vagas "tendências" ou "orientações psicológicas" comuns? Aliás o jansenismo tal como o caracterizamos muito se aproxima daqueles "conceitos vagos" de que tratam as Investigações Filosóficas de Wittgenstein³⁴ - conceitos cujas aplicações não são regidas por uma essência imutável qualquer nem por alguma estrutura fixa diversamente concretizável, mas apenas por uma complexa rede de múltiplas relações analógicas entrecruzadas, ou seja, como diz Wittgenstein: por puras semelhanças de família. Como, então, não reconhecer que a própria imagem wittgensteiniana de "ar de família" se ajusta plenamente à natureza fluida das afinidades de espírito que se podem detectar entre os diferentes jansenistas e que sustentam difusamente, o tom de unidade do conjunto? Assim como não há nenhuma verdadeira "razão" para uma "série familiar", isto é, para um grupo no qual as diferenças são tão consideráveis quanto as semelhanças, assim também não existe substância alguma, mas somente linhas de orientação cruzadas, por detrás da unidade, se quisermos, puramente analógica do jansenismo. Em suma, nem companheiros de uma mesma escola ou comunidade doutrinária, nem camaradas de um mesmo partido no seio da Igreja, os jansenistas parecem, efetivamente, bem mais constituir uma espécie de família espiritual ou, para usarmos uma bela expressão de Lukács: um grupo de "irmãos perseguindo as mesmas estrelas"³⁵.

³⁴ Cf. parágrafo 67 e segs.

³⁵ Citado por Goldmann, op. cit., p.77, nota 1 (nós sublinhamos).